

www.autoresespiritasclassicos.com



ARTIGOS
DOCTRINÁRIOS
ESPÍRITAS

Artigos Espíritas

As pesquisas César Lombroso com a médium Eusápia Palladino

Extraídos da obra
César Lombroso - Hipnotismo e Mediunidade

Segunda parte

Espiritismo

Capítulo I

Fenômenos espiríticos com Eusápia

Mesmo depois de estar convencido disto, a principal objeção que eu havia adotado para não me ocupar com os fenômenos espiritistas – por inexplicáveis pelas leis fisiológicas – veio faltar-me e eu, embora ainda repugnando, terminei, em março de 1891, por aquiescer em presenciar uma experiência espiritista, em pleno dia, a sós com Eusápia Paladino, em um hotel de Nápoles, e tendo presenciado levitações de objetos pesadíssimos, sem contato, então aceitei o “ocupar-me” com isso.

* * *

Eusápia Paladino, nascida em Murge, em 1854, aos 8 anos de idade viu o pai assassinado por bandoleiros; acolhida primeiro pela avó, que a maltratava, e depois abandonada na rua, foi recebida, mui jovem, como que por ato de caridade, na tarefa de ama-seca, em casa da alta burguesia de Nápoles.

Desde a infância, teve, sem que se pudesse explicar, aparições mediúnicas ou alucinações; e assim ouvia pancadas (raps) nos móveis sobre os quais se apoiava; à noite sentia que lhe arrancavam as roupas e puxavam as cobertas da cama sobre o dorso; via fantasmas.

Em 1863, Damiani, que já em Londres, em sessão mediúnica, ouviu “John” dizer existir uma grande médium em Nápoles (“John” pretendia que fosse sua filha), presenciou, em casa da família onde estava hospedada Eusápia, uma sessão espiritista, na qual, quando ela atuava, se manifestavam fenômenos extraordinários de ruídos (raps) e movimento de objetos.

De então, Damiani e Chiaia promoveram-lhe verdadeira educação mediúnica, e a pobre ama-seca, encontrando nisso uma remuneração que a tornava independente, concordou sempre mais em prestar-se às sessões, até que o mediunismo se lhe tornou ocupação única.i

Descrever uma por uma todas as experiências que se fizeram na Europa com Eusápia Paladino exigiria enorme volume.

Contentar-nos-emos em expor, integralmente, só as 17 sessões celebradas por mim em Milão, em 1892, com Aksakof, Richet, Giorgio Finzi, Ermacora, Brofferio, Gerosa, Schiaparelli e Du Prel, resumidas por Finzi, e em que se tomaram todas as precauções mais indicadas: examinar a médium, mudar-lhe a roupa, atar e prender-lhe pés e mãos, dispor a luz elétrica sobre a mesa, de forma a permitir ligá-la ou desligá-la à vontade. Resumirei as outras mais importantes, realizadas em Gênova, Milão, e nos últimos tempos em Paris, no Instituto Geral de Psicologia.

Experiências com Eusápia Paladino em Milão (1892)

Fenômenos observados com luz: Movimentos mecânicos não explicáveis, com apenas o contato das mãos.

a) Elevação lateral da mesa, sob as mãos da médium, sentada em um dos lados menores da mesma.

Para esta experiência, foi usada mesa de pinho construída especialmente para esse fim. Entre os diversos movimentos da mesa, por meio dos quais eram dadas as respostas, seria impossível não observar especialmente os golpes que, amiúde, se produziam em ambos os lados dela, elevados simultaneamente sob as mãos da médium, sem nenhuma precedente oscilação lateral, com força e rapidez e por muitas vezes bruscamente, como se estivesse pegada às mãos da médium, movimentos tanto mais notáveis porquanto a médium permanecia sentada em uma das extremidades da mesa e não deixamos de lhe ter seguras as mãos e os pés. E porque este fenômeno se produz quase sempre e com a maior facilidade, para observá-lo melhor deixamos a médium sozinha na mesa, com as duas mãos sobre a tábua da mesma, as mangas do vestido arregaçadas até ao cotovelo. Estávamos em pé, ao seu redor, e o espaço por cima e por debaixo da mesa era bem iluminado.

Em tais condições, o móvel se levitou, num ângulo de 30 a 40 graus, e assim se manteve por alguns minutos, enquanto a médium conservava estiradas as pernas e batia os pés um contra o outro.

Fazendo então força com uma das mãos sobre o lado erguido da mesa, sentimos considerável resistência elástica.

b) Medida da força empregada na levitação lateral da mesa.

Para esta experiência, a mesa foi suspensa, por um dos lados curtos, a um dinamômetro preso a uma corda fixada em travessão apoiado em dois armários.

Assim, elevando-se de 15 centímetros a extremidade da mesa, o dinamômetro marcava 35 quilos; sentou-se a médium no mesmo lado curto, com as mãos inteiramente sobre o móvel, à direita e à esquerda do ponto de união da corda com o dinamômetro, enquanto as nossas mãos formavam cadeia sobre a mesa, sem exercer pressão, e deste modo só podiam influir para aumentar a pressão exercida sobre a mesa.

Expressamos o desejo de que, ao revés, diminuísse a pressão, e de pronto a mesa começou a elevar-se pelo lado do dinamômetro, e o Sr. Gerosa, que observava a marcação deste, anunciou estas diminuições expressas nas sucessivas indicações: 3, 2, 1, 0 quilogramas, depois do que, tal foi a

levitação, que o dinamômetro repousou horizontalmente sobre a mesa. Então, invertemos as condições, colocando as mãos debaixo da mesa, e a médium em particular as situou não sob a borda, onde poderia alcançar a cornija e exercer tração para baixo, mas sob a própria cornija que unia os pés do móvel, e tocando-a, não com a palma, e sim com o dorso das mãos. Assim, todas as mãos só poderiam diminuir a tração do dinamômetro. Expresso o desejo de aumento, ao contrário de antes, o Prof. Gerosa, em seguida, viu e anunciou que as indicações cresciam de 3,5 até 5,6 quilos. Durante todas essas experiências, cada pé da médium estava sob o do seu mais próximo vizinho da direita e da esquerda.

c) Elevação completa da mesa.

Era natural concluir que se o móvel, em aparente contradição com as leis da gravidade, pode levitar-se por um lado, podia também elevar-se totalmente. E assim sucedeu, com efeito, sendo este dos fenômenos mais frequentes com Eusápia, e se presta a exame satisfatório.

Produz-se de imediato nas seguintes condições: as pessoas sentadas, em torno da mesa, põem as mão sobre ela, formando a cadeia; cada mão da médium é presa pela mão adjacente dos dois vizinhos imediatos, e os pés sob os dos vizinhos, que, com os seus joelhos, pressionam os da médium, sentada, como é de costume, a um dos lados menores do móvel, posição menos favorável para levitação mecânica.

Ao término de alguns minutos, a mesa faz movimento lateral e se eleva, ora à direita, ora à esquerda, e por fim se levita completamente com os quatro pés no ar, horizontalmente, como se estivesse flutuando em um líquido, ordinariamente a uma altura de 10 a 20 centímetros (excepcionalmente até 60 e 70), caindo depois sobre as quatro extremidades simultaneamente.

Algumas vezes se mantém no ar alguns segundos, e faz também movimentos flutuantes, durante os quais se pode examinar completamente a posição dos pés que ficam sob ela.

Durante a ascensão, a mão direita da médium, unida à do seu vizinho, abandona amiúde a mesa, e está por cima. Durante a experiência, o rosto da médium está convulso, contraem-se-lhe as mãos, geme e parece sofrer, conforme lhe ocorre geralmente quando algum fenômeno está para produzir-se.

Para melhor observar o fato em questão, eliminamos, pouco a pouco, as pessoas da mesa, por haver reconhecido que a cadeia de muitas não era necessária, nem neste, nem em outros fenômenos, e, afinal, deixamos uma só pessoa com a médium.

Colocada à esquerda, esta pessoa apoiava os pés sobre os de Eusápia, e uma das mãos sobre os joelhos, mantendo, com a outra, a mão esquerda da médium, cuja direita estava sobre o móvel, à vista de todos, e também se elevava durante a levitação. E porque a mesa permanecesse no ar alguns segundos, foi possível obter várias fotografias do fenômeno.

Pouco antes da levitação, observou-se que a fralda da saia de Eusápia se inflava pelo lado esquerdo até encostar numa das pernas da mesa e, tendo um de nós tentado impedir tal contato, o móvel não pôde elevar-se na mesma altura das outras vezes; mas, permitido novamente o contato, elevou-se, o que ficou evidente nas fotografias, apanhadas daquela face, e também naquela em que a perna da mesa em questão é visível de qualquer modo, na sua extremidade inferior.

Notou-se, ao mesmo tempo, sobre a face superior estar apoiada a mão da médium, e assim é que aquela perna estava sob a influência da médium, tanto na parte inferior, por meio da saia, quanto na parte superior, pela mão.

Para evitar esse contato, propusemos provocar a levitação, estando de pé, médium e cooperadores, porém negativo foi o resultado.

Alvitramos colocar a médium em um dos lados mais amplos do móvel, ao que ela se opôs, alegando ser isso impossível.

Releva dizer que não conseguimos obter levitação completa com os 4 pés da mesa, livres de todo contato, e há razões para suspeitar ter havido análogo inconveniente na elevação de 2 pés que se situavam do lado da médium.

Levitação completa, de 60 centímetros, foi obtida em Paris, no Instituto Psicológico, da qual foi publicada a fotografia no seu Boletim, nesse mesmo 1908; outra, mais completa ainda, em que a mesa aparece voltada para cima, se obteve, com o médium Carancini, de Roma, conforme publicação na Luce ed Ombra.

d) Variações de pressão exercida pelo corpo da médium sentada em uma balança.

A experiência se revestia de grande interesse, porém era difícil, pois se compreende que todo movimento, voluntário ou não, da médium na plataforma da balança podia originar oscilações na plataforma e, pois, na indicação.

Para que a experiência fosse concludente, deveria o fiel da balança, sempre que mudasse de posição, estacionar alguns segundos, para permitir a medida do peso mediante a deslocação do contra-peso da balança romana.

Com esta esperança se fez a tentativa. A médium foi sentada em cadeira posta sobre a balança, pesando o total de 62 quilogramas.

Depois de algumas oscilações, produzia-se pronunciadíssimo descenso no fiel da balança, durante alguns segundos, permitindo ao Prof. Gerosa, próximo a ele, medir imediatamente o peso, que foi de 52 quilos, o que indica a queda de pressão equivalente a 10 quilos.

Expresso o desejo de obter o fenômeno oposto, o extremo do jogo regulador não tardou em subir, indicando um aumento de 10 quilos.

Esta experiência foi repetida mais vezes, e em 5 sessões diversas; em uma não deu resultado, mas na última vez um aparelho registrador permitiu obter duas curvas do fenômeno.

Experimentou-se reproduzir, por nós outros mesmos, tais deflexões, e só se obteve êxito estando muitos sobre a plataforma e apoiando-se ora sobre um dos lados, ora sobre o outro, perto das bordas, com movimentos bastante amplos que, ao contrário, nunca observáramos na médium e lhe eram impossíveis, dada a posição na cadeira.

Todavia, reconhecendo que a experiência não se pode dizer absolutamente satisfatória, completamo-la com a que será descrita no nº 3. Também nesta experiência da balança, por alguns dos nossos foi notado que o êxito parecia depender do contato do vestido da médium com o chão sobre o qual estava diretamente colocada a balança. Isto foi verificado com adequada experiência, na noite de 9 de outubro.

Colocada a médium na balança, aquele de nós outros incumbido de lhe vigiar os pés viu, em seguida, inflar a parte inferior da saia e propender a ficar pendente para debaixo da plataforma da balança.

Tão logo se intentou impedir esse movimento (o qual certamente não era produzido pelo pé da médium), a levitação não teve lugar; mas, apenas

permitido o contato da fimbria do vestido tocar o pavimento, ocorreram repetidas e manifestas levitações, que foram assinaladas em belíssimas curvas sobre o disco registrador das variações do peso.

De outra vez, intentou-se realizar a levitação da médium, colocando-a sobre larga mesinha de desenho e esta sobre a plataforma da balança. A mesinha impedia o contato do vestido com o pavimento, e a experiência não logrou êxito.

Finalmente, na noite de 13 de outubro, preparou-se outra balança (stadera), com a plataforma bem isolada do pavimento, distando deste 30 centímetros.

Exercendo-se severa vigilância, de modo que não permitisse contato de qualquer maneira entre a plataforma e o solo, nem mesmo a ponta do vestido de Eusápia, a experiência fracassou.

Ao contrário, em símiles circunstâncias, algum ligeiro resultado parece se obtivesse, a 16 de outubro, mas desta vez a experiência não foi certa, havendo dúvida sobre se um mantelete, com o qual Eusápia envolvia a cabeça e as costas, havia tocado a ponta da balança (stadera) durante a persistente agitação da médium.

Concluimos que nenhuma levitação se conseguiu com a médium totalmente isolada do pavimento.

e) Aparições de mãos sobre fundo ligeiramente luminoso.

Colocamos sobre a mesa um papelão recoberto de substância fosforescente (sulfureto de cálcio) e espalhamos outros nas cadeiras e diversos pontos do aposento.

Desse modo vimos perfeitamente o negro perfil de mão que pousava sobre o papelão da mesa, e ao fundo, constituído pelos outros, a mão, projetada em preto, passar e repassar em torno de nós.

Na noite de 21 de setembro, um dos nossos viu repetidas vezes, não uma, porém duas mãos se projetarem simultaneamente sobre a débil luz de uma janela de vidraça fechada (fora era noite, porém não completamente escura).

Essas mãos se agitavam rapidamente, porém não tanto que impedisse distinguir nitidamente sua forma; eram de todo opacas e se projetavam sobre a janela, em preto absoluto.

Não foi possível ao observador julgar quanto ao braço ao qual aquelas

mãos estavam presas, porque só uma pequena parte, junto do pulso, se interpunha entre o foco de luz da janela, no lugar onde ele estava observando.

Estes fenômenos de visibilidade simultânea das duas mãos, ao mesmo tempo, são muito significativos, porque não se podem explicar com a teoria de astúcia da médium, a qual de modo algum pode liberar ambas as mãos do controle do seu vizinho. À mesma conclusão conduz o batido de duas mãos, uma contra outra, que foi ouvido muitas vezes durante o curso das nossas experiências.

f) Elevação da médium sobre a mesa.

Entre os fatos mais importantes e mais significativos, pomos esta levitação, executada duas vezes, isto é, a 28 de setembro e 3 de outubro, em consequência da qual a médium, que estava sentada perto de uma das cabeceiras da mesa, entre grandes lamentos foi erguida em peso, com a cadeira, e colocada com esta em cima da mesa, sentada na mesma posição anterior e sempre com as mãos presas e acompanhadas pelos vizinhos.

Na noite de 28 de setembro a médium, com as mãos presas pelos Professores Lombroso e Richet, queixou-se de mãos que a apertavam debaixo dos braços; depois, em transe, com a voz mudada, habitual neste estado, disse:

– Agora vou levar a minha médium para cima da mesa.

Ao término de 2 ou 3 segundos, a cadeira, com a médium sentada, foi, não atirada, mas erguida, sem artifício, e deposta sobre a mesa, enquanto Richet e Lombroso estavam seguros de não haver ajudado a ascensão com esforços próprios.

Depois de um discurso, em transe, a médium anunciou sua descida e, substituído Lombroso por Finzi, a médium foi reposta no chão, com a mesma segurança e precisão, enquanto Richet e Finzi acompanhavam, sem os ajudar, os movimentos das mãos e do corpo, e continuamente se interrogavam sobre a posição das mãos.

Durante a descida, ambos sentiram repetidamente que invisível mão lhes tocava ligeiramente a cabeça.

Na noite de 3 de outubro, o fenômeno se repetiu em circunstâncias bastante análogas, estando ao lado da médium Du Prel e Finzi.

g) Contatos.

Alguns destes merecem ser notados, com determinada particularidade, em razão de certas circunstâncias oferecerem indício interessante sobre sua provável origem, e primeiramente se deve notar aqueles contatos que foram sentidos pelas pessoas que estavam fora do alcance das mãos da médium.

Assim, na noite de 6 de outubro, o Prof. Gellona, que se achava a uma distância de três postos da médium (cerca de 1,20m, estando a médium no lado curto da mesa e o Prof. Gerosa num dos ângulos adjacentes ao lado curto oposto), tendo levantado a mão, por ser tocado, sentiu mais vezes que outra mão golpeava a sua para abaixá-la e, persistindo ele, foi golpeado com uma trombeta que momentos antes soara no ar.

Em segundo lugar, deve-se notar aqueles contatos que constituem operação delicada e impossível de executar às escuras com a precisão com que esta foi observada. Duas vezes, a 16 e 21 de setembro, tiraram os óculos do Prof. Schiaparelli e os deixaram sobre a mesa, na frente de outra pessoa. Esses óculos eram presos às orelhas por meio de duas espirais elásticas e retirá-los requeria cuidado, mesmo alguma atenção a quem agisse à luz plena. No entanto, às escuras foram retirados com tal delicadeza e rapidez que o professor só deu pelo fato porque cessara a sensação dos óculos sobre o nariz, aos lados da cabeça e nas orelhas, e teve de apalpar com as mãos para certificar-se de que os óculos não mais estavam no lugar costumeiro.

Análogas reflexões derivam de muitos outros contatos feitos com grandíssima delicadeza, a exemplo de quando um dos assistentes sentiu que lhe alisavam a barba e o cabelo.

Em todas as numerosíssimas manobras executadas por misteriosas mãos, nunca se notou um equívoco, ou choque, o que é inevitável nos casos ordinários com aqueles que agem na escuridão.

Esta era, no mais dos casos, salvo uma ou duas exceções já assinaladas, tão completa quanto possível, e não se pode imaginar que a médium ou os demais pudessem ver, aproximadamente sequer, o perfil das pessoas sentadas em torno da mesa.

Pode-se acrescentar, a este propósito, que corpos tão pesados e volumosos quanto cadeiras e vasos cheios de argila foram postos sobre a mesa, sem que jamais encontrassem uma das tantas mãos que estavam apoiadas

nessa mesa, o que era especialmente difícil, pelas cadeiras que ocupavam grande espaço com a sua extensão.

Uma cadeira foi certa vez revirada sobre a mesa e posta em posição longitudinal sem esbarrar em ninguém, embora abrangesse quase toda a mesa.

h) Contatos com um rosto humano.

Um de nós, tendo expressado desejo de ser beijado, sentiu o contato de dois lábios, e por duas vezes (21 de setembro e 1º de outubro). Em outras três ocasiões, a um dos assistentes aconteceu tocar um rosto humano, com cabelo e barba; o contato da pele era absolutamente o de um rosto de homem vivo, o cabelo muito mais forte e áspero do que o da médium, enquanto que a barba parecia muito fina.

i) Som de trombeta.

Na noite de 6 de outubro, sendo colocada uma trombeta por detrás da médium e por detrás da cortina, em pouco ouvimos soar, por detrás de nossas cabeças, diversas notas. Os que estavam mais perto da médium ficaram em condições de assegurar-se de que os sons não provinham da direção dela.

j) Havendo um dos nossos deposto, no início da sessão, o sobretudo em cima de uma cadeira, fora do alcance da médium, no final da sessão foram vistos, trazidos para cima de um cartão fosforescente, que estava sobre a mesa, diversos objetos que o dono do sobretudo reconheceu, de imediato, serem os existentes em um dos bolsos internos do dito sobretudo.

Deve-se registrar que a médium começou a lamentar-se e a fazer gestos de desgosto, queixando-se de que algo lhe havia sido posto em torno da garganta e a apertava.

Ligada a luz, não se encontrou mais o sobretudo no lugar anterior, mas, fixando nossa atenção sobre a médium, que estava atordoada e de mau humor, nos apercebemos de que lhe estava às costas o dito sobretudo, com os braços enfiados em cada uma das mangas; entretanto, durante a sessão, as mãos e os pés da médium estiveram sempre controlados pelos dois vizinhos, pelo modo habitual.

Compreende-se que nesta, mais do que em qualquer outra ocasião, a confiança no êxito de um fenômeno tão grandioso repousa plena na segurança e na continuidade do controle das duas mãos; ora, desde que o

fenômeno era de todo inesperado, a atenção dos vizinhos da médium não podia atuar de maneira constante sobre a vigilância; estes dois experimentadores declararam que a eles não lhes parecia haver abandonado a respectiva mão da médium; mas, não havendo outros desvios de atenção produzidos pelos fenômenos advindos, e tendo sempre fixa a atenção exclusivamente neste ponto, devemos admitir possível (não provável) que a hajam deixado livre momentaneamente, sem se aperceberem.

Fenômenos até agora observados na escuridade e obtidos afinal em plena luz, com a médium à vista

Restava, para chegar a pleno convencimento, tentar obter os fenômenos importantes da escuridade, sem perder, porém, de vista a médium.

Pois que a escuridão favorece bastante, ao que parece, a sua produção, era necessário deixar na obscuridade os fenômenos e manter a luz para nós e para a médium.

Por isso, procedeu-se, na sessão de 6 de outubro, do seguinte modo: parte de uma câmara ficou separada por grossa cortina divisória, para ficar às escuras; a médium foi sentada em cadeira à frente da abertura da cortina, com o dorso na parte escura, ficando os braços, as mãos, o rosto e os pés na parte iluminada da câmara.

Detrás da cortina foi posta uma cadeirinha com uma campainha a cerca de meio metro de distância da cadeira da médium, e sobre uma outra cadeira mais distante um vaso cheio de argila úmida, perfeitamente lisa na superfície. Na parte iluminada, formamos o círculo em redor da mesa, a qual foi posta diante da médium. As mãos desta estiveram sempre seguras pelos seus vizinhos, os Srs. Schiaparelli e Du Prel.

O recinto era iluminado por uma lâmpada de vidros vermelhos posta em outra mesa. Pela primeira vez a médium era submetida a estas condições.

Presto começaram os fenômenos. Também à luz de uma vela, sem vidro vermelho, vimos a cortina inflar-se para nós, e os vizinhos da médium, pondo suas mãos nela, sentiram resistência; a cadeira de um deles foi puxada com violência e depois cinco fortes golpes foram dados nela, o que significava pedido de menor claridade.

Acendemos então uma lanterna vermelha, protegendo-a, além disso, em parte, com um interceptor de raios luminosos, mas, pouco depois, retiramo-lo e a lanterna foi posta sobre a mesa, em frente à médium.

As orlas da abertura da cortina foram fixadas aos ângulos da mesa e, a pedido da médium, também presas na sua cabeça, com auxílio de alfinetes.

Então, sobre a cabeça da médium algo começou a aparecer por várias vezes. Aksakof ergueu-se, pôs a mão na abertura da cortina, acima da cabeça da médium, e logo anunciou que dedos o tocavam repetidamente e depois sua mão foi agarrada através da cortina e, por último, sentiu que algo lhe vinha empurrando a mão: era a cadeirinha, que Aksakof pegou, e lhe foi retirada, caindo ao solo.

Todos os presentes introduziram a mão pela dita abertura e receberam o contato de mãos. No fundo preto da própria abertura, sobre a cabeça da médium, as costumeiras luzes azuladas apareceram muitas vezes; Schiaparelli foi tocado com força, através da cortina, no espinhaço e na ilharga; sua cabeça foi coberta pela cortina e puxada para a parte escura, enquanto ele, com a esquerda, retinha sempre a mão direita da médium, e com a direita segurava a mão esquerda de Finzi. Nesta posição, sentiu-se tocado por dedos nus e cálidos, viu luzes descrevendo curvas no ar, e que iluminavam um pouco a mão ou o corpo que os transportava. Depois retomou seu lugar, e então nova mão começou a aparecer na abertura, sem mais se retirar tão subitamente, mas de modo mais distinto.

A médium, que jamais tal presenciara, ergueu a cabeça para ver, e logo veio a mão tocar-lhe o rosto.

Du Prel, sem soltar a mão da médium, introduz a cabeça pela abertura, por cima da cabeça da médium, e imediatamente se sentiu tocado fortemente de vários pontos, por muitos dedos. Entre ambas as cabeças, a mão ainda se mostrou.

Du Prel retornou ao seu lugar e Aksakof introduziu um lápis, que foi tomado e agarrado pela dita mão, e não caiu. Pouco depois foi atirado, através da abertura, sobre a mesa. Uma vez, um punho fechado apareceu sobre a cabeça da médium, abriu-se lentamente e mostrou a mão aberta com os dedos separados.

É impossível contar o número de vezes que esta mão apareceu e foi

tocada por todos nós, de forma que nenhuma dúvida seria possível: era verdadeiramente mão humana, viva, que víamos e tocávamos, enquanto, ao mesmo tempo, o busto e os braços da médium permaneciam à vista e eram retidos pelos seus dois vizinhos.

Terminada a sessão, Du Prel foi o primeiro a passar para a parte escura e anunciou a moldagem na argila. De fato, constatamos que a argila fora deformada com profunda arranhadura de cinco dedos de mão direita (o que explicou o fato de, ao finalizar a sessão, ter um pedaço de argila sido arrojado, através da abertura da cortina, sobre a mesa), prova segura de que não estivéramos alucinados.

Estes fatos se repetiram ainda mais vezes, sob a mesma forma ou em forma pouco diversa, nas noites de 9, 13, 15, 17 e 18 de outubro.

Se bem que as posições da misteriosa mão não permitissem supor que fosse pertencente à médium, todavia, para maior segurança, na noite de 15, foi aplicada na sua mão esquerda uma fita de borracha que envolvia separadamente os dedos, permitindo a todo momento distinguir qual das mãos cada vizinho tinha em custódia.

As aparições tiveram igualmente lugar logo, e assim também ocorreram nas noites de 17 e 18 (embora com intensidade menor), sob controle rigoroso dos professores Richet e Schiaparelli, e por eles solenemente atestado, pois que ambos prestaram especial atenção a esta parte. Tal condição era, aqui, e sempre, bastante difícil, porque a médium agitava as mãos continuamente e, em lugar de as manter sobre a mesa, à vista de todos, as colocava, mais abaixadas, sobre os seus joelhos.

Conclusão

Assim, pois, todos os maravilhosos fenômenos que tínhamos observado em completa ou quase completa escuridade (cadeiras puxadas com força, com a pessoa sentada, contato de mãos, luzes, marcas de dedos, etc.), obtivemo-los afinal sem perder de vista, por um instante, a médium.

Por isto, a sessão de 6 de outubro foi, para nós, a constatação evidente e absoluta da justeza de nossas impressões anteriores na escuridade; foi a prova incontestável de que, para explicar os fenômenos na completa escuridade, não é necessário supor fraude da médium, nem ilusão de

nossa parte; foi prova de que estes fenômenos podem resultar das mesmas causas dos produzidos quando a médium é visível, com luz suficiente para lhe controlar a posição e os movimentos.

Ao tornar público este breve e incompleto resumo das nossas experiências, devemos ainda expressar estas nossas convicções:

1º) que, nas circunstâncias dadas, nenhum dos fenômenos obtidos com luz, mais ou menos intensa, poderia ser produzido por qualquer artifício;

2º) que a mesma convicção pode ser afirmada para a maioria dos fenômenos na completa escuridade; para uma parte destes últimos, podemos reconhecer, no máximo, a possibilidade de imitá-los por meio de algum hábil artifício da médium; todavia, depois disto que dissemos, é evidente que esta hipótese seria não só improvável, mas também inútil, em nosso caso, pois que, com o admiti-la, o conjunto dos fatos não seria de modo algum comprometido.

(seguem-se as assinaturas.)

* * *

E agora respiguemos, da lembrança dos outros experimentadores, os fenômenos mais interessantes.

Em Nápoles, no ano de 1893, com os egrégios colegas Bianchi, Tamburini, Vizioli e Ascensi, refiz com Eusápia estas experiências, em uma câmara propositadamente escolhida em nosso hotel, e aí, em plena luz, vimos uma grande cortina que separava nosso aposento de uma alcova vizinha, e que distava da médium mais de um metro, vir bruscamente sobre mim, envolver-me e apertar-me as costas, e foi com dificuldade incomum que dela me libertei.

Um prato com farinha de trigo fora colocado atrás, na alcova, à distância de 1,50m da médium, que, em transe, tinha pensado ou dito ao menos que me derramaria no rosto o conteúdo do prato, e à luz se encontrou o prato emborcado sobre a farinha, todavia seca, mas quase coagulada como se fora gelatina.

O fato nos parece duplamente inexplicável com as leis da Física e por manobras da médium, que não só estava com os pés atados, mas presas ambas as mãos nas nossas. Ligadas as luzes, quando todos estávamos de partida, viu-se um grande armário, colocado atrás da alcova, a cerca de 2 metros de distância de nós, mover-se lentamente em nossa direção, qual

um grande paquiderme que vagorosamente tencionasse atacar-nos, como que empurrado por alguém.

Em outras sucessivas experiências com o Prof. Vizioli e De Amicis, em plena luz, tendo pedido a Eusápia fizesse mover pelo seu “John” uma sineta colocada no solo, a um metro distante dela, médium, atada de pés e mãos, nós vimos várias vezes estender-se a sua saia, em um ponto, como se fosse um terceiro pé que apresentava pequena resistência, qual o do gás dentro de uma bexiga, e este terceiro braço, diremos etéreo, sob nossos olhos, a plena luz, finalmente, de um golpe se apoderou da sineta e a fez soar.

Eis agora algumas das experiências mais curiosas observadas em Gênova, pela condessa Celésia, no Circolo Scientifico della Minerva, e em Milão, na Società di Studi Psicici, presentes muitos cientistas, Bozzano, Venzano, Porro, Lombroso, Morselli, Marzorati, em 1906-1907, e descritas com exatidão por Barzini.ⁱⁱ

A médium seguia, com frequência, as experiências sugeridas pelo capricho dos presentes.

Certa noite, pedimos que trasladasse para a mesa uma trombeta que estava sobre uma cadeira, no ângulo do gabinete mediúnico, e enquanto víamos Eusápia imóvel, sentimos a trombeta cair no chão, e depois, por longos minutos, ouvimo-la mover-se ligeiramente, como se uma mão a empurrasse, sem pegá-la.

Tendo um dos assistentes estendido os interruptores da luz elétrica que lhe havíamos confiado, rumo do gabinete e a cerca de dois metros de Eusápia, dito: “Pega!”, imediatamente lhe tiraram da mão o cordão a que estavam unidos os interruptores e que se lhe deslizou por entre os dedos quase um metro; atraindo-o com violência, sentiu uma resistência elástica, mas forte.

Depois de movimentos de estica e afrouxa, exclamou: “Faça luz!”, e uma das lâmpadas acendeu.

Esses exercícios algumas vezes são tão rápidos que podem surpreender e deixar a mais legítima dúvida acerca da sua verdadeira natureza; porém, muito frequentemente são lentos, fatigantes e revelando esforço e concentração intensa.

Durante a sessão, Morselli sentiu que pesada mão lhe agarra o braço

direito, da qual sente perfeitamente a posição dos dedos, ao mesmo tempo em que a médium adverte ainda: “Atento!” e a lâmpada verde acende e apaga. O interruptor da dita lâmpada, unido a amplo cordão pendente do teto, estava no bolso de Morselli e este não sentiu mão alguma que ali se introduzisse. Todos observamos que a lâmpada acendeu e apagou, sem que se percebesse o ruído do interruptor, e como para confirmar a nossa impressão, a lâmpada torna a acender e apagar, várias vezes, de igual modo silencioso.

Não devemos esquecer uma circunstância: o acender e apagar da lâmpada correspondiam a pequeno movimento que o dedo indicador de Eusápia fazia na palma da minha mão.

Esta sincronia, entre os fenômenos e os gestos da médium, havíamos encontrado quase sempre, e é notável o fato de que, nestes casos, o esforço da médium se verifica da parte oposta àquela em que se verifica o fenômeno; por exemplo: se o punho de Eusápia se contrai, quem está à sua esquerda sente provavelmente um toque de mão e pode reconhecer que tal mão é a mão direita.

Isso é um singularíssimo cruzamento, uma inversão que pode ser importante constatar.

Forte mesa, pesando dez quilos e trezentos gramas, situada no vão da janela e sobre a qual estavam postos uma caixa de placas fotográficas e um metrônomo de Morselli, se aproximou de nós e depois se distanciou. O metrônomo começou a funcionar e deu início ao seu tique-taque regular. Após alguns minutos parou. Depois recomeçou e tornou a parar. Não é operação difícil nem longa pôr em andamento e deter um metrônomo, é mínima; todavia, não é operação que os metrônomos tenham o hábito de realizar por si mesmo.

Amiúde, os objetos vindos à mesa medianímica são acompanhados com a cortina preta, como se fossem trazidos por pessoas escondidas no gabinete, as quais pusessem o pano entre os objetos e suas mãos.

Em outra sessão, vimos um dinamômetro, quase em contato com a barra da cortina, que chegou até à mesa, movimentar-se e desaparecer por detrás da cortina. Não ouvimos o leve rumor que houvesse feito ao pousar em algum lugar e examinamos se alguém o havia tocado; e eis que de pronto, no gabinete e sobre a cabeça da médium, uma mão avançou

sustendo o dinamômetro em atitude de mostrá-lo. Depois retirou-se e, decorridos alguns segundos, o dinamômetro reapareceu sobre a mesa. A agulha marca a pressão de 100 quilogramas. É a pressão que pode dar um homem robustíssimo.

É indubitável que o pensamento dos presentes exerce certa influência sobre os fenômenos. Parece que as nossas palavras são escutadas como sugestão para a execução das várias manobras: se falamos da levitação da mesa, esta se eleva; se damos golpes rítmicos sobre a tábua da mesinha, os golpes são exatamente repetidos e quase sempre, aparentemente, no mesmo ponto.

Entramos a discorrer sobre os fenômenos luminosos que, algumas vezes, se manifestaram com Eusápia, e que não mais havíamos visto nestas sessões e eis que, subitamente, vimos uma luz que aparece sobre os joelhos da médium, desaparece, mostra-se ainda sobre a cabeça de Eusápia, desce ao longo de seu lado esquerdo, faz-se mais vívida e desaparece à altura do seu quadril.

Em seguida, Morselli nota ao lado da cortina uma pessoa; sente que nela se apoia e todos vimos os braços envoltos na cortina.

De improviso, Bozzano colocou a cabeça na abertura da cortina para olhar no interior do gabinete e este estava vazio. A cortina se encontrava inflada e vazia. Isto que, por um lado, parece o relevo de um corpo humano que se move coberto pela cortina, da outra parte é uma cavidade no estofado, um moulage.

Vem à mente O homem invisível, de Wells.

Bozzano, tocando com a mão direita, que tem liberta, o enfunado da cortina, na parte externa, efetivamente encontra sob o tecido a resistência de uma cabeça vivente; identificou a fronte, deslizou a palma da mão pelas bochechas e nariz e, quando tocou os lábios, a boca se fechou e lhe prendeu o polegar; sentiu nitidamente o morder de uma dentadura sã.

Um carillon chega sobre a mesa, como que caindo do alto. E ali, perfeitamente isolado, enquanto o olhamos curiosamente, soou durante alguns segundos. Tinha a forma de minúsculo moinho de café e esse instrumento, tão simples e tão pouco musical, para tocar, precisava do concurso das duas mãos, uma que o mantivesse firme e outra que lhe girasse a manivela. Apenas cessado o seu glin-glin, ouvimos o bandolim

rastejar no chão. Bozzano viu-o sair do gabinete e parar por detrás do Prof. Morselli, onde mal tocou duas ou três vezes. Dali se elevou e veio para cima da mesa; girou em todo redor e terminou por alojar-se nos braços de R., qual criança lactante. Pondo nossas mãos sobre as cordas, nós as sentíamos vibrar por ignota força, e tínhamos assim uma prova sobre a realidade do fenômeno.

Havíamos observado que, no movimento do bandolim, e assim no de todos os objetos transportados, há uma espécie de orientação, ou seja, não giram nunca, têm mais translação do que revolução, movem-se precisamente como se fossem sustentados por uma mão e avançam, recuam, vão à direita e à esquerda, mantendo a mesma posição.

O bandolim conservou sempre o braço voltado para a médium.

As cadeirinhas, que fazem seus singulares passeios e sobem sobre a mesa, apresentam-se sempre como se fossem pegadas pelo encosto.

Morselli trouxe consigo uma cordinha de 40 centímetros de comprimento e, em dado momento, colocou-a sobre a mesa; a cordinha andou, indo e vindo, coleante. Quando Morselli exprimiu o desejo de vê-la enodada, ela desapareceu no gabinete e voltou pouco depois com três nós em lugares diferentes, nós iguais, grossos, bem feitos, simétricos, equidistantes.

Em uma quinta sessão, na qual Morselli havia atado perfeitamente Eusápia a uma rede, constatou, depois de todos os fenômenos de aparições, que havia sido desatada e ligada de modo diverso.

Artes ou engenhos fantasmáticos

Nos cinco primeiros anos, Eusápia apresentou mais fenômenos de movimento de objetos e de apports do que de formas fantasmáticas.

Depois dos primeiros anos, começaram a produzir-se mãos isoladas ou unidas a braços de vários tamanhos e, mais raramente, pés.

Nestes últimos anos, esses braços e mãos apareciam mais frequentes no meio ou no final da sessão.

Algumas vezes, acompanhavam os deslocamentos também de cadeiras, do bandolim e, em outras, apareciam pálidos e diáfanos rostos humanos.

Bottazzi,ⁱⁱⁱ que intensificou as observações a propósito, viu sair um punho negro, nitidamente, da cortina esquerda e avizinhar-se de uma senhora,

que sentiu contato na nuca e na face; de outra vez, mão natural, da qual sentiu o calor e a solidez, pousou em seu braço e depois se reintegrou no corpo de Eusápia.

Em realidade, certa vez, o seu colega Galeotti viu distintamente, naquela sessão, surgirem de Eusápia, à esquerda, dois braços idênticos: um, preso pelo controle, o verdadeiro, e o outro, o fantasmal, que se despegava do ombro, tocava a mão do vizinho controlador, e depois tornava a fundir-se no corpo de Eusápia.

Esses braços são aqueles com que a médium faz mover, a 20 e a 30 centímetros para além da extremidade dos seus próprios, os objetos, e que, se espetados, provocam dor, como se fossem os seus, e têm conexão com aquele inflado tubular nas vestes que eu via preceder a levitação da mesa, com as variações do dinamômetro e da balança.

Algumas vezes, nas boas sessões, esses engenhos se prolongam um pouco, porém não mais de 1,50m da mesa.

Fantasmas

Houve também, muito mais raras vezes, no final das sessões e nas melhores sessões, fantasmas verdadeiros.

Anoto entre os mais importantes, por haver sido presenciado por muitos e por se ter repetido, a aparição do falecido filho de Vassallo.^{iv} E também a narrada por Morselli a mim, pessoalmente, se bem que posta em dúvida depois, qual a de sua mãe, que o beijou, lhe enxugou os olhos, lhe disse algumas palavras e depois de novo lhe apareceu e acariciou, e para demonstrar a própria identidade, lhe alça a mão e a leva à sobrancelha direita da médium.

– Não é ali – disse-lhe Morselli, e encaminha a mão à esquerda, onde, perto do supercílio, havia um pequeno defeito.

Morselli estava sentado à direita de Eusápia e Porro à esquerda.

Outra aparição tive a verificar, eu mesmo, com imensa comoção.

Em 1902, em Gênova, a médium estava em estado de semi-embriaguez e, por isso, pensei que coisa alguma poderia realizar.

Pedindo-lhe, antes de iniciar a sessão, fizesse mover, à luz plena, um pesado tinteiro de vidro, respondeu naquela sua vulgar linguagem:

– Por que te mergulhas nestas ninharias? Sou capaz de muito mais, sou capaz de te fazer ver tua mãe; nisto deverias ter pensado!

Sugestionado por essa promessa, à altura de meia hora de sessão fui presa do vivíssimo desejo de vê-la concretizada e imediatamente a mesa acedeu, com seus sólitos movimentos, acima e abaixo, ao meu pensamento; logo depois vi (estávamos em semi-escurecimento com luz vermelha) destacar-se da tenda uma figura um tanto pequena, qual era a de minha mãe,^v velada, que fez um giro completo em redor da mesa, até chegar a mim, sussurrando-me palavras que foram ouvidas pelos demais (não por mim, devido à minha surdez), tanto que, quase fora de mim, pela emoção, supliquei que as repetisse, e ela repetiu:

– Cesar, fio mio!

Isto, confesso de imediato, não estava no seu hábito, pois, veneziana, costumava dizer-me, em seu dialeto: “Mio fiol”.

Pouco depois, a meu rogo, tornou a dar o giro e, destacando por um momento os véus da face, deu-me um beijo.

Menos distintamente, isto é, coberta pela cortina, me apareceu, beijando-me e falando-me, em oito sessões sucessivas, realizadas em 1906-1907, em Milão e em Turim.

Análoga aparição teve Massaro, de Palermo, na sessão de 26 de novembro de 1906, em Milão,^{vi} na Società di Studi Psicici, a que assisti.

Em ocasião anterior, tendo evocado, pela mesa-girante, o Espírito do filho, morto recentemente, teve uma promessa de materialização, para Milão.

Na sessão de 26, presente Massaro na formação da cadeia, Eusápia disse, quase em seguida, estar vendo um jovem que vinha de longe e, interrogada, precisou: “de Palermo”, e acrescentou:

– Retrato vivo feito ao sol.

Tal frase não foi entendida. Mas, Massaro, a estas palavras, recordou ter na carteira uma fotografia do filho, feita em campo aberto, e nesse mesmo instante sentiu que lhe batiam vivamente no peito, precisamente no lugar onde se encontrava o dito retrato, e percebeu que o beijavam duas vezes, na face esquerda, através da tenda que lhe ficava vizinha.

E aos ósculos seguiram-se carícias bem acentuadas, embora delicadíssimas. Depois de uma pausa, repetiram-se os contatos

intencionais, sendo que desta vez uma mão se insinuava, com vivaz movimento, no bolso interior da sua roupa, justamente onde guardava a carteira, que se abriu onde estava o retrato.

A esta segunda manifestação acompanharam beijos e afagos, e depois se sentiu pegado pelo peito e atraído para a câmara escura e beijado reiteradamente.

Sobreveio, finalmente, a aparição, sobre a tenda, de uma cabeça vendada de branco, na qual reconheceu o filho.

Poucos meses antes da sua morte, Chiaia me mostrou alguns baixo-relevos obtidos, sempre em estado de transe, por Eusápia, colocando greda molhada sobre pedaço de madeira, dentro de caixa coberta com uma tabuinha, em cima da qual havia pesada pedra. Sobre esta a médium colocava a mão e, quando entrava em transe, dizia:

– Já está feito.

Abria-se a caixa e encontrava-se o molde, em baixo relevo, da mão ou do rosto de um ser, cuja expressão fisionômica oscilava entre a vida e a morte.

Não assisti a essas sessões, mas o testemunho de Chiaia, de honrada memória, e a de um ilustre escultor de Nápoles que moldava os relevos dos moldes, são suficientes, e também o juízo de Bistolfi, segundo o qual, para obter, em poucos minutos, estes moldes, que vistos de perto nada dizem, porém de longe têm expressão terrível e verdadeiramente macabra, seriam necessárias operações demoradas; seria preciso admitir na médium uma habilidade artística extraordinária, enquanto que Eusápia não tem sequer os primeiros elementos da arte.

Acrescente-se que estando a greda coberta de um véu sutil, medianímico, cuja trama se entrevê no molde, o artista mais exímio não poderia conseguir, valendo-se da pressão, e com o dedo da mão, nota Bozzano, produzir um molde exato, e sim estrias.

A verdade destes fatos me é provada também por se repetirem sob as vistas de Bozzano, no Círculo científico “Minerva”, de Gênova (1901-1902), e em França, sob o controle de Flammarion, em Monfort-l’Amaury, onde se reproduziu a própria efígie de Eusápia, e, sob minhas vistas, em Milão e em Turim.

Certa noite, com as janelas completamente fechadas, enquanto tínhamos,

Richet e eu, presas as mãos da médium, que fora previamente revistada – a seu pedido –, sentimos ambos, no terço inferior do braço, um corpo estranho, que depois se verificou ser uma rosa fragrante, com haste e algumas folhas. O talo parecia cortado obliquamente, como que por instrumento afiado, Não se pode explicar a louçania daquela flor, que devia estar pelo menos pressionada pela manga do casaco. Eusápia, no início da sessão, havia predito um apport, mas não sabia dizer de que natureza seria.

Em Milão, Schiaparelli levou à nossa sessão uma resma de papel e pediu a Eusápia que escrevesse seu nome, e ela pôs o dedo e fez gestos de traçar caracteres gráficos sobre o papel, mas o seu nome se encontrou escrito, com cor violeta, no lado inferior da mesa; em uma segunda prova, sobre a linha da cortina, distante mais de três metros e ao alto; numa terceira prova, na última folha da resma.

O recentíssimo Bulletin de l'Institut Générale Psychologique, de dezembro de 1908, insere um relato de Courtier, sobre as sessões de Eusápia, nos anos de 1905 a 1908, em Paris, sob o controle de cientistas, como Curie, Courtier, Richet, d'Arsonval, Jouriewitch, Debiérne.

Notou-se a levitação da mesa até, 20, 50, 60 centímetros do solo, permanecendo no ar de 27 a 52 segundos.

Tendo Debiérne dito que “John” era capaz de quebrar a mesa, imediatamente foi quebrado o pé da mesma.

Para registrar a levitação do móvel, muniram-se os pés de contatos elétricos, que funcionavam quando o pé se separava do solo. Esses contatos estavam ligados, cada um, a um registrador Despretz que grafava sobre um cilindro.

Para verificar se o peso da mesa se somava ao da médium, durante a levitação, fixou-se a cadeira onde estava Eusápia sobre uma balança de Marey, e notou-se que quando os 3 ou os 4 pés da mesa se erguiam, conjuntamente, o aparelho registrava aumento de pressão, como se o peso da mesa levitada se unisse ao da médium sentada, e como se esta fosse o ponto de apoio da levitação.

Isto se confirma com o fato de quando se elevavam os dois pés da mesa, do lado oposto ao de Eusápia, havia decréscimo de pressão.

Com uma balança romana se observou que Eusápia aumentava de 10 para

13 quilos o peso da mesa, quando esta se elevava, mostrando que os fenômenos estavam conformes com as leis da mecânica, porque os 3 quilos de mais provinham dos movimentos descompassados de Eusápia, de vez que a mesa pesava 10 quilos.

Eusápia aumentava e diminuía à vontade seu próprio peso e o das mesinhas. A 45 centímetros de distância, e no interior da câmara, pôde provocar a ruptura de um tubo de borracha da balança onde estava sentada, tubo que, antes de ser mutilado, sofre um estiramento e depois uma pressão. Ao mesmo tempo, rompeu em dois pedaços um lápis, que pedira, e disse: “Está quebrado”. Assim também, pouco depois, quebrou em três pedaços pequena mesinha de madeira que lhe haviam posto detrás da cadeira, e não se compreende como pôde anunciar o número de fragmentos a que foi reduzida, estando às escuras e de costas.

Sobre a frente, ao lado direito de Eusápia, se observavam luzes azuladas, fosforescentes, e uma espécie de centelha rósea, porém ampla, aos pés da mesa. Eusápia tirou de máquina elétrica, posta a dois metros de distância, três faíscas que se perceberam depois sobre sua cabeça; fez brotar também centelhas nos cabelos e nas mãos dos assistentes.

Agia sobre eletroscópios; descarregava-os lentamente, os dedos a dois centímetros de distância do contato.

Podia produzir fenômenos, à luz plena, ao final das sessões e ainda no início, quando se apaixonava em mostrar o seu poder mediúnico.

Mostra ter sensibilidade a distância. Dizia, por exemplo: “Este barro (a dois metros de distância) é mole ou muito duro”, e assinalava a viscosidade de um objeto distanciado, e assim, à distância, podia provocar rupturas de objetos, exteriorização da sensibilidade e da motricidade.

Capítulo

II

Resumo dos fenômenos mediúnicos de Eusápia

Morselli resume nesta sucinta síntese os fenômenos oferecidos por Eusápia em transe.vii São eles, de forma catalogada:

Primeira classe – Fenômenos mecânicos, com produção de movimentos nos objetos ainda em contato com a pessoa da médium, que Eusápia produz facilmente, tanto na obscuridade quanto à luz plena.

1º – Oscilações e movimentos da mesinha, sem significação.

2º – Movimentos e golpes da mesinha, tendo significação, são frequentíssimos. Os golpes correspondem à linguagem convencional usada por Eusápia (2 golpes, “não”; 3, “sim”, etc.) e regulam geralmente o andamento da sessão.

Verdadeiramente, nas sessões de Eusápia a tiptologia se reduz a pouca coisa, em comparação às maravilhosas comunicações de caráter pessoal ou de ordem filosófico-social, dadas por outros médiuns.

Em compensação, a mesinha, com Eusápia, tem riquíssima linguagem, que se pode dizer mímica; e se assemelha à de um menino, se bem que pareça sorrir e, ao contrário, escarneça, quando não canta certas árias.

3º – Levitação total da mesinha até 78 segundos.

4º – Movimentos de objetos diversos, apenas tocados pelas mãos ou corpo da médium, que não são explicáveis com a debilíssima pressão por ela exercida.

5º – Movimentos, ondulações, inflação das partes da câmara medianímica, sem que Eusápia possa fazê-los com as mãos e com os pés, que estão sob severo controle.

6º – Movimentos e inflação da vestimenta da médium.

Segunda classe – Esta classe é o aperfeiçoamento da primeira. Os efeitos mecânicos se produzem sem contato algum com a pessoa da médium, a distâncias que podem variar de poucos centímetros a um metro. São os mais discutidos, porque em desacordo com as leis ordinárias da Física, a qual ensina que uma força mecânica deve atuar diretamente sobre a

resistência oposta pelos corpos materiais. Todavia, esta telecinesia mediúnica é entre as coisas mais frequentes a serem vistas nas sessões de Eusápia. Citemos sumariamente os fenômenos precípuos da classe:

7º – Oscilações e movimentos da mesinha mediúnica, sem contato.

8º – Levitação autônoma da mesinha. Presenciamos verdadeiros “solos de dança” da mesinha, à luz plena do gás, quando a médium estava fechada e imobilizada dentro do gabinete.

9º – Ondulações, inflações, prolongamentos das partes da câmara.

Ocorrem também quando a médium está distante: por exemplo, deitada e atada solidamente dentro da cabine, dir-se-ia que personagens invisíveis levantam com suas mãos a tela, estiram-na para abrir e estiram-na para fechar, etc.

10º – Movimentos impressos a corpos materiais por mãos voluntariamente voltadas para eles, porém à distância. Este fenômeno sobrevém ordinariamente à luz plena e ao finalizar da sessão. É a verdadeira exteriorização da motricidade, ilustrada por Albert de Rochas.

11º – Movimentos espontâneos ou deslocamento de objetos diversos, a várias distâncias e também até 2 e 3 metros da médium.

12º – Transportes, para a mesinha, de objetos distanciados. Muito frequentemente, porém, tais objetos parecem trazidos com as tendas pretas, que têm, na fenomenologia de Eusápia, uma função importantíssima, quase a abrigo de membros invisíveis.

13º – Deslocamento das cadeiras dos controladores. Com frequência, sentem que lhes tiram a cadeira de sob o corpo, etc.

14º – Movimentos funcionais de ordem mecânica e de colocação a distância. Por exemplo, a entrada em ação de instrumentos musicais (bandolim, cítara, piano, trombeta) e de outros pequenos mecanismos (carillons, metrônomo, dinamômetro, etc.) distantes de Eusápia.

Terceira classe – Esta classe dos fenômenos mecânicos concerne à alteração da gravidade dos corpos, que são os fenômenos menos seguros, embora investigadores insignes lhes garantam a autenticidade.

15º – Mudanças espontâneas de peso em uma balança. Assistimos a oscilações do braço de uma balança romana, sem que visivelmente Eusápia a pressionasse. Mas, o fenômeno pareceu duvidoso.

16º – Mudança de peso do corpo da médium (de 5 a 10 quilos).

17° – Levitação do corpo da médium. Morselli teve a impressão de que a levitação fosse sincera em seu início, mas ajudada inconscientemente, na consumação, pelos dois controladores. Em minhas observações, isto é excluído.

Uma classe curiosa, pouco estudada até agora, é aquela dos efeitos mediúnicos térmico-radiantes. Essa consta de poucos, mas interessantes fenômenos.

18° – Vento do gabinete escuro. É frequentíssimo e se sente em quase todas as sessões. É verdadeira corrente de ar que vem do interior da câmara e por detrás da médium.

19° – Frio intenso. É sentido comumente pelos dois controladores, e preludia muitas manifestações.

20° – Radiações da cabeça e do corpo da médium. Aproximando a mão à cabeça de Eusápia, principalmente onde tem uma depressão óssea, conseqüente de antiga queda, e algumas vezes também de suas mãos, percebe-se sensível sopro, ora tépido, ora fresco.

A classe dos fenômenos acústicos já está em parte compreendida nas três primeiras, porque mui frequentemente os movimentos à distância se tornam possíveis mediante rumor, som, etc. dos instrumentos postos em ação. Mas, fora disso, nada têm de especial.

21° – Golpes, choques e outros ruídos na mesinha.

22° – Golpes e choques a distância da médium.

23° – Sons de instrumentos musicais. Verdadeiramente, jamais são acordes harmônicos, a menos que maestros assistam à sessão. Quando muito, são marcação de compasso.

24° – Rumores de mãos e de pés.

25° – Sons vocais humanos.

Passo a uma classe não menos impressionante de manifestações, isto é, aquelas que, segundo os espiritistas, deveriam revelar a ação de Inteligências ocultas, com efeitos duradouros sobre a matéria inerte. Eusápia, por sua incultura, é pobre destes fenômenos.

26° – Sinais misteriosos deixados a distância. Consistem em sinais ou borrões que se encontram sobre a mesinha, nos punhos dos presentes, nas paredes e parecem feitos a lápis.

27° – Escrita direta. Seria a escrita feita diretamente pelos Espíritos, sem

ação notória de mão, ora porém com utensílios gráficos visíveis (lápiz, grafite), ou sem eles.

28° – Marcas, imagens em matéria moldável (plastilina). São impressões de dedos, de palmas de mão, de punho, de pés, e também de rostos, geralmente todos de perfil e meio-perfil. Esses rostos têm certa semelhança com uma Eusápia envelhecida e seriam em realidade a reprodução do rosto de “John King”, seu pai em outra vida.

29° – Transportes. Aparição imprevista, sobre a mesinha ou na sala, de objetos vindos de longe, e entrados através de portas e paredes, tais flores, raminhos, folhagens, pregos, moedas, pedras, etc.

30° – Materializações. Trata-se da criação ex-novo de formas mais ou menos organizadas que têm os característicos físicos assinalados da matéria, isto é, de serem resistentes ao tato e ao senso muscular (tangíveis), e algumas vezes dotadas de luz própria (luminosas), e mais geralmente capazes de deter os raios exteriores de luz (fazendo-se visíveis). A primeira subclasse é a das materializações sólidas, que eu direi estereosas mediúnicas.

31° – Toques, apalpos e apertos de mãos invisíveis.

32° – Organização de formas sólidas, tendo os característicos de membros do corpo humano. São ordinariamente mãos, braços, costas (?) e ainda cabeças que se tocam através da tenda preta, e parecem pedaços ou fragmentos de uma criatura que se esteja formando; de raro, dão a impressão (tangível) de uma pessoa total. Apertadas ou agarradas através das tendas, retraem-se, no mais das vezes apressadamente; mas, outras vezes, permanecem também longo tempo e se deixam tocar, principalmente no rosto. A boca, invisível, faz o movimento de beijar, morder, etc., protegida, porém, quase sempre pelo pano.

32° bis – Organização de mãos perceptíveis, nuas ao tato. Algumas vezes, sente-se o toque de mãos verdadeiras, possuidoras dos característicos dos membros de uma criatura vivente, e sente-se a pele, o calor e a mobilidade dos dedos. E se as apertamos, a impressão é de que se dissolvem e fundem como se fossem compostas de substância semifluida.

33° – Ações complexas de formas materialíssimas (tangíveis-invisíveis). Aqueles braços, mãos, cabeças e meio-pessoas, embora imperceptíveis à vista, mesmo de quem olha o interior do gabinete, por detrás da tenda pela

qual são cobertas, avançam para os assistentes, tocam-nos, palpam, abraçam e agarram, ou repelem, acariciam, atraem e beijam, com todos os movimentos de criaturas vivas e reais. Além disso, estas formas executam ações ainda mais complexas, seja na sombra da cabine, seja diante dela, com o intermédio das tendinhas pretas infladas e projetadas até ao plano da mesinha ou rumo das cadeiras dos vizinhos (ainda que fora da cadeira), seja afinal em liberdade e em pleno meio dos presentes, que se sentem invisivelmente tocados, abraçados, revistados nos bolsos, etc.; muitos assim vêem satisfeitos desejos apenas pensados.

Quinta classe – Uno em um pequeno grupo os fenômenos luminosos elementares, sejam os visíveis por si, sejam os visíveis por luz exterior, mas sempre inorganizados.

34° – Aparição de pontos luminosos. São as célebres chamazinhas espiritistas. Eusápia as produz de quando em quando, porém não com a intensidade de outros médiuns observados por mim. São pirilampos indefiníveis, no mais das vezes de contornos esfumados e algumas vezes globinhos lucidíssimos, semelhantes às chamadas lágrimas batávicas, mas invertidas; outras vezes também são verdadeiras línguas de fogo, como se veem figuradas sobre as cabeças dos apóstolos. Não foram ainda fotografadas (que eu saiba), porém são evidentíssimas, às vezes múltiplas e intermitentes, sendo impossível e até absurdo, para quem as haja visto uma só vez, compará-las (não digo assimilá-las) a fosforescências artificiosas.

35° – Surgimento de nuvens ou nebulosidades esbranquiçadas. Estas não parecem dotadas de luz própria, pois que só se distinguem a uma débil claridade, aquém da tenda ou no interior da cabine; alguma vez, circundam a cabeça de Eusápia ou se elevam sobre o seu corpo, quando está deitada no gabinete.

Deixo para final as materializações visíveis que aparecem formadas com uma substância ou matéria sutilíssima, emanante da pessoa da médium e composta de partículas ou moléculas que interceptam a luz ordinária (teleplastia).

36° – Formação de prolongamentos escuros do corpo da médium. São os membros supranumerários entrevistos e descritos por todos aqueles que fizeram experiências com Eusápia. Visíveis à média ou debilíssima

claridade, e quando as mãos anatômicas ou verdadeiras de Eusápia estão à vista e bem controladas, estes apêndices neoplásticos executam muitos dos fenômenos acima descritos (contatos e apalpações nos mais próximos, sacudir de cadeiras, transporte de objetos, etc.).

37° – Saída de formas com a semelhança de braços e mãos, do gabinete preto.

38° – Aparição de mãos. Está entre as mais comuns e antigas manifestações espiritistas. As mãos aparecem de contornos quase sempre indecisos ou evanescentes, de cor esbranquiçada, próximo de diáfanas, e com os dedos estirados. Eu as percebi muito bem, todas as vezes que me foi dado achar-me em situação favorável para vê-las, e não eram as mãos da médium, as quais ao mesmo tempo estavam não só controladas, mas também visíveis de todos sobre a mesinha.

39° – Aparições de formas escuras, de caráter indeterminado ou pouco evidente. São as materializações incompletas. Ora se veem, entre o claro-escuro, avançar e desaparecer globos pretos (cabeças?), apêndices indefiníveis de penumbra (braços? punhos?); ora sombras de perfil adunco e que se conjecturam barbudas (“John King?”); ora sobre fundo semiluminoso, larvas enegrecidas, planas, que aparecem como que transparentes, e ajustadas ou formadas de modo estranho, gesticulando de maneiras bizarras. A mim se manifestaram particularmente nas sessões de 1901-1902, e não tive tal percepção precisa (afirmada pelos outros companheiros) para que possa desenhar uma por uma.

40° – Aparições de formas com caráter determinado e pessoal.

A estas classes de Morselli, segundo a minha experiência, acrescentarei:

Sexta classe

41° – Influência sobre chapas fotográficas, envoltas em papel escuro.

42° – Fenômenos de leitura do pensamento, de visão na escuridade, à distância. (Veja-se o capítulo IV.)

43° – Compreensão de idiomas desconhecidos da médium (alemão, inglês). (Veja-se o capítulo IV.)

44° – Influência sobre eletroscópios que a médium descarrega com a mão, à distância.

Portanto, nos fenômenos com os quais se objetiva a mediunidade de Eusápia, temos, segundo este esquema provisório, quarenta e quatro

ordens de manifestações. Morselli alega que sua classificação simplifica muito as coisas, distinguindo os fenômenos em ordens distintas, como se se produzissem separadamente. Em realidade, a sessão, por vezes, é extremamente complicada e se assiste a manifestações variadas, simultâneas, verdadeiras descargas potentes de mediunismo e confusões espiritistas.

Capítulo

III

Fisiopatologia de Eusápia.

– Influência e ação dos médiuns

Eusápia Paladino estudada clinicamente viii

Vejam agora se a explicação de todos esses maravilhosos fenômenos se pode encontrar no organismo da médium. Com este escopo, vamos estudar um: Eusápia, por exemplo, clínica e fisiologicamente.

Nos característicos externos, à primeira vista, Eusápia nada apresenta de anormal, salvo certa mecha de cabelo branco que rodeia um afundamento no parietal esquerdo, depressão causada não se sabe bem, se pelo golpe de uma caçarola, dado pela madrasta, ou pela queda do alto de uma janela, quando contava um ano de idade.

Pesa 60 quilos, e o peso varia pouco depois das sessões; tem estenocrotafia (ou seja, diâmetro bizigomático maior do frontal, 127 a 113); dolicocefalia com índice cefálico 73, que é étnica; circunferência da cabeça normal, 530; assimetria, tanto do crânio quanto do rosto, por maior desenvolvimento da direita.

O olho esquerdo apresenta o fenômeno de Claude Bernard-Horner, comum nos epiléticos; as pupilas coretópticas, no alto e interno, reagem escassamente à luz, e bem, ao invés, à acomodação.

A pressão arterial, medida com o esfigmômetro de Riva-Rocci, deu o seguinte resultado: 1ª prova – à direita, 200, à esquerda, 230; 2ª prova – à

direita, 200, à esquerda, 239.

Oferece, pois, uma assimetria na pressão, que é frequente nos epiléticos, e, tal qual estes, apresenta notável canhotismo tátil, assinalando o estesiômetro nas polpas da direita grande obtusidade, 5 milímetros, e menor na esquerda, 2,5. A sensibilidade geral, estudada com a trena de Ruhmkorff, apresenta, ao contrário, destrismo, assinalando a distância de 73 milímetros à direita e 35 à esquerda; a dolorífica 60 à direita e 30 à esquerda, mostrando-se de todo modo muito mais delicada do que nos normais, cuja sensibilidade geral, ensaiada com o mesmo método, assinala 45 milímetros e a dolorífica 20.

A sensibilidade bárica desigual, parecendo-lhe o mesmo objeto ser mais pesado na direita, que na esquerda; apresenta depois diferenças de peso de 5 gramas; a sensibilidade óssea, ao diapasão, é de 5 na direita e 8 na esquerda, porém falta na frente.

Com o dinamômetro pequeno de Regnier-Mathieu assinala 11 quilos na direita e 12 na esquerda. Próxima ao transe, marcou mais, isto é, 15 quilos em ambas as mãos. Com a mão direita e braço estendido sustém um peso de 500 gramas durante um minuto e dois segundos, e com a esquerda por dois minutos. Tem zonas hiperestésicas, especialmente no ovário; tem o bolo esofágico dos histéricos, e debilidade geral ou paresia nos membros do lado direito.ix

O campo visual, estudado pelo Dr. Sgobbo, mostrou-se amplo e regular. Os reflexos tendinosos são mais obtusos à direita e se provocam com o fenômeno de Jendrassik, sendo nulos na esquerda. Nada se nota com o aparelho de d'Arsonval, nem aos raios Roentgen.

Certa vez, quando em estado normal e em plena luz, se lhe fez manter, por quatro minutos, a mão direita sobre uma chapa fotográfica, envolta em três folhas de papel escuro; isso bastou para que caísse em transe e sentisse na mão a sensação de frêmito elétrico. Revelada a chapa, no ponto correspondente ao seu indicador, ficou um sulco informe da extensão do dedo. Esse fato, que talvez se filie com a radioatividade espiritista, pode ser aproximado a uma outra sua anomalia, que Flammarion observou e que consiste em uma diafaneidade nos contornos dos dedos, que formam quase um segundo contorno deformado.

“Quando tenho este sinal – assevera ela –, posso obter coisas

maravilhosas.”

A urina amarela, em quantidade de 2000 cm³, com peso específico de 1022, apresenta: açúcar 40%; fosfatos 1,20%; cloretos 3,598; leves traços de albumina. Depois de uma sessão mediúnica, aumentou de muito a albumina: 0,5% e diminuiu o açúcar para 20%. Das análises feitas em Nápoles, por Bottazzi e Galeotti,^x resulta que a densidade, imediatamente depois da sessão, é aumentada: 1023, em vez de 1022, e a albumina 2%, em vez de 1,25; o azoto 11,28%, em vez de 9,53; subiu a condutibilidade elétrica, 177,10, em lugar de 150,10; crescido o ponto de congelamento, 1,560 em vez de 1,260.

Os fenômenos hipnóticos, que tanto se ligam, até se confundirem, com os fenômenos espiritistas, são frequentes nela, se bem que insensível aos metais e ao ímã.

Assim, Arullani (ob. cit.), só em lhe deslizar a mão na fronte, pôde hipnotizá-la e fazê-la cair prontamente em estado cataléptico; Morselli, ao contrário, encontrou mais facilidade em magnetizá-la do que hipnotizá-la, se bem que, com o deslizar metódico da mão sobre a cabeça, lhe pôde cessar a cefalalgia e acalmar seus furores; e com passes magnéticos, de baixo para cima, provocar uma hemicatalepsia; com passes em sentido contrário, cessarem as contrações e a paresia (ob. cit.).

Duas vezes apenas teve claras premonições, expostas com aquela sua pseudologia fantástica, tão variável, que se torna difícil discriminá-la. A primeira, a propósito do furto de joias de que foi vítima, teve, segundo assegura, aviso em dois sonhos consecutivos nas noites precedentes ao acontecimento, mas resulta de outra narrativa que o roubo se verificou de modo mui diferente dos seus sonhos, e assim é que, para esclarecê-lo e descobrir o autor, teve de se curvar ante uma rival, sonâmbula, uma certa Del Piano, que lhe indicou o culpado na pessoa da porteira da casa, opinião que pareceu verdadeira, porque coincidiu com a da Polícia.^{xi}

Outra vez, na noite precedente à sua desclassificação em Cambridge, e esta foi a desgraça mais grave de sua vida, apareceu-lhe “John” movendo com tristeza a cabeça. Parece, pois, que “John” interveio também em Paris, quando, enferma, era cuidada por uma enfermeira, que negligenciava e dormia, em vez de velar por ela, e em quem, para despertar, “John” aplicava sonoros bofetões, que a espantaram e fizeram

fugir.

O egrégio engenheiro Grauss refere, a propósito, que, tendo sido admoestada pelo comissário por haver lançado em rosto o furto à porteira, tardiamente, quando já se tornavam inúteis as pesquisas em sua casa, Eusápia foi abalada até cair em delíquio. A mesa então começou a agitar-se, expressando tipologicamente o pensamento de “John”:

“Salva minha filha, porque enlouquece; salva-a com a sugestão.”

E havendo respondido o engenheiro que “John” era mais forte do que ele, apareceu, em pleno dia, um velho alto, magro, com longa barba, que, sem falar, pousou a palma da mão à cabeça e depois na de Eusápia, deixando-a em profundo esgotamento.

Eusápia despertou esquecida de todas as agruras.

Na loteria, em que pecam todos os paroquianos de Nápoles, não teve nunca premonição segura.

Teve, em vez disso, singulares telepatias. Duas vezes, havendo sido apresentada a pretensos admiradores seus, ela os repeliu com brutal insolência, sem sequer lhes olhar o rosto, dizendo-os inimigos, e o eram efetivamente. Tinha muito amor próprio.

“Há muitos príncipes – dizia frequentemente – e muitos reis, mas só existe uma Eusápia.”

Sua cultura era a de uma paroquiana da última classe. Carece muitas vezes de bom senso e de senso comum, mas tem uma intuição e uma finura intelectual que contrastam com sua incultura e lhe faz, malgrado esta, julgar e apreciar o verdadeiro mérito dos homens com quem estava em contato, e sem ser sugestionada, no seu julgamento, pelo prestígio ou falsa notoriedade proporcionada pela riqueza e autoridade.

Ingênua, até se deixar iludir e mistificar por qualquer intrigante, ela própria é capaz de mentiras e velhacarias.

Muitos são os truques que fazia em estado de transe, inconscientemente; e fora disto, por exemplo, liberando uma das mãos, presa pelo controlador, para mover objetos que estavam ao seu alcance, tocar nos presentes e, com um joelho ou com o pé, levantar a perna da mesa, e, fingindo alisar o cabelo, arrancar um fio e com ele baixar a pequena balança de um pesa-cartas.

Foi também vista por Faifofer, antes da sessão, colhendo flores em um

jardim, furtivamente, para simular apports na sessão da noite, prevalecendo-se da escuridade.

Parece ainda que tivesse aprendido, de algum pelotiqueiro, truque especial, por exemplo, aquele de simular rostos humanos, com o movimento das duas mãos circundadas de um lenço ajeitado à guisa de turbante.

Todavia, sua maior dor, mesmo durante a sessão, é quando acusada de truque (preciso é dizer que às vezes injustamente), porque só agora temos a segurança de que membros mediúnicos se sobrepõem aos seus naturais e fazem as vezes destes e foram tidos como sendo dela.

Tem memória visual bastante vivaz, a ponto de recordar 5 em 10 testes mentais apresentados em 3 segundos; e o dom de lembrar com grande vivacidade, especialmente fechando os olhos, os contornos das pessoas, com a visão exata de poder desenhar os traços característicos.

Retém perfeitamente série de 5 números, xii mas comete erros na série de 6, e também se equivoca em recordar palavras, especialmente as de mais de três sílabas; tem uma faculdade de associação de ideias de todo elementar, e assim o papel só lhe evoca a ideia de caneta, e o cão a fidelidade; infiel lhe é a memória para figuras lineares.

A média dos tempos de reação simples auditiva foi nela de 113 milésimos na 2ª prova. Tem índices morbosos, que vão até à loucura histórica; passa rapidamente da alegria à tristeza; tem fobias estranhas: por exemplo, a de sujar as mãos, temer a escuridade; é fortemente impressionável e sujeita a sonhos, malgrado sua idade madura.

Tem, não raras vezes, alucinações, e com muita frequência vê sua própria sombra; na infância acreditava ver dois olhos que a fixavam por detrás das árvores e das sebes. Quando se encoleriza, especialmente se a ofendem em sua reputação de médium, é violenta e impulsiva, a ponto de maltratar seus adversários.

Estas suas tendências contrastam com uma singular bondade de ânimo, que a faz empregar seus ganhos para aliviar a miséria dos pobres e das crianças; que a faz sentir pelos velhos e pelos débeis uma piedade sem fim, que a leva a perder o sono, e a impulsiona a proteger os animais a ponto de maltratar os seviciadores.

Antes da sessão, e às vezes no correr dela, pode prever o que se fará, se

bem que depois não se recorde se se obteve ou não, quanto prometeu, e nem sempre acerta o que se gabava de fazer.

No princípio do transe (copio Morselli na sua belíssima diagnose), sua voz se faz rouca; todas as secreções, suor, lágrimas e até o mênstruo aumentam.

À hiperestesia, especialmente à esquerda, se sucede a anestesia; faltam os reflexos pupilares e tendinosos, se ocorrem tremores, miostenia, a que sucede amiostenia, parestesia, especialmente na direita.

Igual aos faquires, quando quer entrar em transe, diminui a respiração, passando de 28 inspirações a 15, 12 por minuto, enquanto que, ao contrário, o coração aumenta as pulsações de 70 a 90 e até a 120; as mãos são presa de estremecimento e tremores, as articulações dos pés e as mãos têm movimentos de flexão e extensão e, outro tanto, se enrijecem.

A transição deste estado ao sonambulismo ativo é assinalada por bocejos, soluços, suores na fronte, transpiração nas mãos e estranhas expressões fisionômicas; ora parece presa de violenta cólera, que se manifesta por ordens imperiosas e por frases sarcásticas contra seus críticos, ora dir-se-ia vencida por um êxtase voluptuoso-erótico.

No estado de transe, antes de tudo, empalidece, volta as pupilas para cima, o branco do globo ocular à vista, agita a cabeça para um lado e outro, e depois fica extática e tem muitos daqueles gestos frequentes no acesso histérico: bocejos, riso espasmódico, mastigação frequente, visão a distância e linguagem às vezes seletíssima e também científica, ideação rapidíssima, que lhe permite apreender os conceitos dos presentes, ainda que eles não os expressem em voz alta ou os exprimam em misteriosa forma.

Morselli notou em seu transe todos os característicos do histerismo, a saber: 1º) amnésia; 2º) a personificação com a de “John King”, em cujo nome fala; 3º) gesticulações passionais, ora eróticas, ora sarcásticas; 4º) obsessão, principalmente de não ter êxito nas sessões; 5º) alucinações. xiii

Nos fins do transe, quando ocorrem os fenômenos mais importantes, experimenta grande sede (fenômeno de polidipsia, próprio das histéricas); é agitada de verdadeiras convulsões e grita qual uma parturiente. Por fim, cai em sono profundo, e da massa do parietal se evapora um fluido quente, sensível ao tato.

Depois da sessão, Morselli notou nela canhotismo exagerado: 42 quilos na esquerda e 18 na direita; hiperestesia na esquerda; reflexos rotulares abolidos; pulso debilitado, 90; peso diminuído de 2.200 gramas.xiv

Assim como exercita em transe sua motricidade, fora das suas vias anatômicas, assim também percebe sensações visuais e táteis sem a intervenção costumeira dos órgãos dos sentidos específicos, e assim dá notícias de coisas que ocorrem em nosso derredor, em posições não acessíveis à sua vista, nem à de nenhum outro, notícias que depois se comprovavam verdadeiras; e mostra durante o transe conhecimentos que não tinha antes, nem conserva depois. Durante toda a sessão, permanece em contínua ligação com os presentes, exprime as próprias opiniões e a sua própria vontade, seja à viva voz, muitas vezes pronunciando mal as palavras, qual um paralítico progressivo, seja com golpes que se sentem provir, ora da mesinha, ora de outros objetos, seja em língua italiana, seja em idioma estrangeiro.

Depois da sessão mediúnica, tem a sensibilidade morbosa, hiperestesia, fotofobia e, amiúde, alucinações e delírio, no qual pede que a vigiem para que não se lhe faça mal, e sofre graves distúrbios de digestão, e vômitos se houver comido antes da sessão, e, finalmente, tem paresia das pernas, pelo que necessita que outros a conduzam e dispam.

Jourevitch notou que a hiperestesia é em zonas, nas falanges, no dorso da mão, no omoplata e no lado esquerdo da cabeça.

Estes distúrbios se agravam de muito se, por imprudência dos assistentes, for exposta, na sessão ou depois, a uma luz imprevista, o que recorda a pitonisa de Delfos, a quem as profecias abreviavam a vida, e o triste caso da d'Esperance, que, por ter estado exposta, subitamente, a forte luz, durante uma sessão, foi tomada de paralisia por muitos e muitos anos.

Devo acrescentar um fato descoberto pelo Dr. Imoda: é que Eusápia, em estado normal, não exerce influência alguma sobre o eletroscópio, mas, apenas desperta de transe intenso, tendo a mão suspensa sobre o eletrodo, pode, depois de 3 ou 4 minutos, provocar a queda das folhas de ouro. Isto, posto de acordo com a impressão de seus dedos na chapa fotográfica envolta em três folhas de papel escuro, confirma a radioatividade em transe, e também concorda ainda com a frequente aparição de nuvens brancas flutuantes, símiles de névoa luminosa sobre a superfície da mesa

ou sobre a sua cabeça, durante a sessão, já que é propriedade dos raios catódicos provocar a formação de névoa quando atravessam uma camada de ar saturado de umidade.

Capítulo

IV

Condições e influências dos médiuns

Não são estes fenômenos morbosos só de Eusápia, pois que se verificam em quase todos os médiuns.

A célebre médium E. Smith xv tinha avó, mãe e um dos irmãos sujeitos a fenômenos hipnóticos e mediúnicos; tinha obsessões e alucinações desde criança e, mais tarde, acessos de sonambulismo, dismenorreia e, no transe mediúnico, completa anestesia de uma das mãos, e aloquiria, pelo que, espetada na mão direita, sentia a dor na esquerda, e também acreditava ver à esquerda objetos que estavam à direita.

Na Sra. Piper o transe começa com ligeiras convulsões clônicas, seguidas de estupor, respiração estertorosa.xvi Tornou-se médium depois do susto por um raio, e após duas operações em tumores.

Home declarava produzir os mais maravilhosos fenômenos quando estava em letargo, o que o impedia de bem recordar-se depois; teve enorme atraso no seu desenvolvimento, e aos 6 anos ainda não caminhava; depois de um pleito com a Sra. Lyon, sofreu congestão cerebral, paralisia, amnésia.

“No letargo – dizia – os Espíritos se apoderam de mim, mudam o meu todo, meus gestos, e até meu corpo pode estender-se de oito polegadas.”

Não tem influência sobre os fenômenos, deseja muitas vezes realizá-los, mas não obtém êxito, visto que ocorrem quando ele está no leito, adormecido.xvii

“Caída em transe – escreve, de si, d’Esperance –, experimento uma sensação de vácuo e perco o sentido do espaço; não saberia dizer, por exemplo, onde é que movo o dedo, como se o movesse na água.”

Nas materializações lhe sai primeiro do abdômen um vapor luminoso, que

se transforma num ser vivo, transformação essa tão rápida que não se sabe qual se forma antes, se o corpo, se a vestimenta.

“Quando aparece o fantasma, experimento dificuldade em encontrar meus pensamentos e minhas forças; estou como que em sonhos e não posso mover-me. Quando Iolanda se movimenta, faz-me transpirar e me exaure mais do que se me movesse eu própria; quando se materializa fora, sinto-me mais forte; quando toca algum objeto, sinto os meus músculos se contraírem como se fossem as minhas mãos a tocá-lo; quando imerge as mãos na parafina derretida, eu me sinto queimar; quando um espinho lhe penetrou no dedo, experimentei grande dor; eu a vi tocar o órgão, e a vi por vezes fora do gabinete.

No primeiro momento do semitranse, quando não está ainda formado o fantasma, tenho uma sensibilidade maior do que a normal, sinto quando transita uma pessoa pela casa, ouço o relógio da igreja e os silvos do trem, o que não ocorre quando estou em estado normal, e apreendo o que pensam os presentes. Quando toco as mãos de Iolanda, creio sentir as minhas, mas atino depois com o meu erro, quando vejo quatro mãos; quando estendo as mãos para tocá-la, não sinto nada; quando se assenta nos meus pés, não sinto peso algum. Todavia, num sábado, senti todo o peso do seu corpo.” xviii

Politi, que, fora do transe, não apresenta qualquer anomalia, no transe tem convulsões, anestesia, alucinações terroríficas, zoomórficas, e delírios de perseguição.

Tudo isso se liga à histeria, tal qual (nota mui justamente Morselli) à tabes e à paralisia geral, que não se originem de processos sifilíticos, mas que se desenvolvem com os avariósicos, bem como com os atingidos de areias biliares e asma, sem ser de natureza gotosa ou reumática.

Tudo isso pode bastar para concluir que nos fenômenos de transe domina o supremo automatismo; que o transe mediúnico é um verdadeiro equivalente histérico, tal qual o estro genial é, para mim, um equivalente do acesso psíquico epiléptico, sobre fundo neurótico e morboso, e assim os fenômenos mais estranhos dos hipnotizados e do sonho se devem às desagregações psíquicas na hipnose e no sono que, na paralisação comum das faculdades, fazem prevalecer a ação do inconsciente (veja-se a parte I) e o automatismo.

Por isso, quando o Prof. Lucatello, em Pádua, acha em Zuccarini completa insensibilidade dolorífica cutânea, e o sonambulismo levado até ao estado cataléptico imediato, com o simples esfregar da pele (e outras anomalias históricas já havia notado Patrizi: assimetria do rosto e do crânio, com menor desenvolvimento na metade esquerda, fenômeno de Claude Bernard-Horner, assim frequente nos epiléticos; disparidade na função visual nos dois olhos; ambidestrismo, desproporção entre a grande abertura dos braços (1,71m) e a estatura (1,60m); sonolência habitual e escassa força de atenção), isto não depõe contra a sua faculdade mediúnica, mas com maior razão sela e em parte explica como, a meu ver, os milagres do gênio e do hipnotismo são explicados pela concomitante neurose (veja-se a parte I).

Assim sendo, somos atraídos a crer que muitos dos fenômenos espiritistas derivam do estado neurótico do médium, enquanto que muitos destes fenômenos se assemelham aos hipnóticos, que com a nevrose têm tanta relação, e se desenvolvem sempre nas vizinhanças do médium, especialmente à sua esquerda. As mãos e os braços fantasmáticos saem geralmente do seu corpo e das suas vestes, e os fantasmas aparecem as mais das vezes sobre sua cabeça ou sobre a do controlador que está a seu lado, e quanto mais importantes e raros são os fenômenos – por exemplo, nos casos de materialização –, tanto mais se agrava o transe do médium.

Quando ocorrem movimentos de objetos, inclusive dos distantes do médium, notam-se movimentos sincrônicos no próprio médium, que foram fixados graficamente por Bottazzi e d'Arsonval, e frequentemente se notou, durante o transe, e especialmente durante as materializações, que o peso do médium diminui, e volta ao normal, ou quase, ao cessar dos fenômenos (veja-se o capítulo seguinte). Isto deve provir de que o próprio corpo do fantasma se forma a expensas do corpo real do médium, o que seria também confirmado pelo fato de que, nas primeiras materializações, os fantasmas têm muitas vezes certa semelhança com o rosto e os membros daquele e com toda a sua pessoa.

Acrescente-se o fato descoberto por Albert de Rochas, da exteriorização da sensibilidade do médium, a centímetros para fora do seu próprio corpo. Ora, bastaria poder estender esta exteriorização à atividade psíquica e prolongar a motricidade a maior distância, para explicar boa parte dos

fenômenos do Espiritismo e, até certo ponto, também aqueles fantasmas que saem do ventre ou da cabeça do médium (d'Esperance), e lhe assumem os gestos e as formas.

O médium, de resto, tem alguns especiais característicos além do olhar estranho, epileptoide, típico do transe.

Segundo Maxwell, apresenta manchas zoomórficas na íris, e, se não é normalmente canhoto, assim se torna no transe, ou vice-versa.

Afora isso, pode variar na inteligência, da ultramediocridade de Politi à genialidade da d'Esperance e de Moses, mas, no transe, o médium mais estólido pode desenvolver uma inteligência extraordinária, e Wallace narra o caso de um caixeiro ignorante e grosseiro que, em transe, podia discutir sobre a Fatalidade e sobre a Presciência, enquanto que, fora dele, sabia apenas falar de coisas comuns (e nós os vemos entender os idiomas estrangeiros mais díspares).

Pior a situação quanto à moralidade: muitos se mostram enganadores e lascivos, enquanto outros, tais a Smith e Stainton Moses, tocam os limites da santidade. Vi alguns, durante a embriaguez ou uma forte emoção aprazível, terem aumentadas as faculdades mediúnicas.

No mais das vezes, os médiuns necessitam de escuridade, de excitação, de rumor, de gritos, de cantos, e para desenvolverem a faculdade, e não conservam (exceto os célebres casos de d'Esperance e Home) consciência e memória do que fazem em transe, como sucede nos epiléticos.

As provas das transmissões do pensamento, ainda que se afirmem em alguns, são de todo modo frequentes e evidentes no transe de Eusápia.

Eu pensava fortemente em poder rever minha mãe; a mesa assentiu com energia ao meu desejo, inexpressado pela palavra, e em seguida apareceu a imagem de minha genitora.

O Sr. Becker pediu mentalmente que lhe desatassem e deslocassem a gravata, e isso se verificou imediatamente. O Dr. Surada pensou em que "John", de uma garrafa, derramasse a água num copo, na cabine mediúnica, e o ato é executado em seguida, e o copo, cheio, é trazido para a mesa e, depois, para os lábios de um dos controladores.

A condessa de A. (em Veneza, do Prof. Faifofer) costurou sob uma dobra da barra do vestido um saquinho, que envolvia certa moeda, e veio à sessão com a ideia, não expressa pela palavra, de que fosse descosido e

retirado, e isso foi feito apenas repensou; num outro dia, veio com um adereço escondido na cabeça, e pensou em que fosse transferido para a de Eusápia, a quem queria presenteá-lo; apenas isso pensou e o transporte se fez.

Como veremos, os médiuns adquirem no transe energias musculares e intelectuais que não têm antes e que só raras vezes se podem explicar pela transmissão do pensamento dos presentes, pela telepatia, e que exigem, pois, uma explicação especial, qual aquela da ajuda dos mortos.

Estes transmitem, durante o transe, algumas de suas faculdades também mais singulares, assim o canhotismo em Eusápia, a levitação e a incombustibilidade em Home, o qual podia pegar, sem se queimar, em carvões em brasa, e assim fazia que outro o pegasse com igual imunidade.

Muitos manifestam sua atividade em uma só direção. Os mais frequentes e menos importantes, e amiúde errados, são os médiuns tiptólogos, que transmitem com golpes emanados da mesa ou com movimentos de um ponteiro sobre alfabeto disposto num móvel. Muito frequentes são, todavia, os médiuns motores, que fazem mover mesas, cadeiras, etc.

Existem, conforme descobriu recentemente Ochorowicz, aqueles que atraem com os dedos os objetos, deixando-os suspensos no ar, como poderia o ímã fazer com o ferro.

Curandeiros há, frequentemente ignorantes da Medicina, e que, sem embargo, obtêm singulares resultados.

Vi uma estúpida mulher, à qual faquires hindus haviam reconhecido como irmã, melhorar, por dois ou três meses, com exercícios musculares apropriados, uma doente de tabes, em último grau.

Existem os médiuns pintores que, sem saber coisa alguma de desenho, se improvisam de súbito pintores, tal aquele Machner, ex-marinheiro alemão, que pintava quadros de flores e paisagens, e aquela camponesa, também alemã, que, sem haver jamais pegado um pincel ou um lápis na mão, desenha e pinta complicadas figuras de fantásticas e elegantes flores. E até os que compõem em poucas horas e às escuras, quadros a óleo que exigiriam dias inteiros de labor.

Sardou e Hugo de Alessy pintam automaticamente, procedendo ao acaso, e assim mesmo obtêm êxito nos retratos; Fernando Desmoulin, que já era artista, quando pintava espiriticamente terminava às escuras, em 25 ou 40

minutos, trabalhos bastante extensos, e pintava também com o rosto metido num saco. Desperto e cessado o transe, apesar de ser pintor, não conseguia terminar esses esboços.

Hugo de Alessy não era pintor, e acertou pintar retratos de mortos desconhecidos; o guarda campestre Destips, com a mão direita estropiada, a ponto de não poder escrever, traçava ao acaso, em estado de transe, flores e ornamentos orientais belíssimos.

E como já vimos, Eusápia, em transe, era hábil escultora.

Existem médiuns fotógrafos, com a presença dos quais aparecem, nas chapas fotográficas, ou retratos de vivos ausentes ou de mortos.

Há médiuns falantes e adivinhos que descobrem fontes e metais subterrâneos;xx pneumatográficos que provocam a escrita direta; os desmaterializadores, que fazem os transportes de fora, apesar das portas e janelas fechadas e intactas; os evocadores dos fantasmas; os fotóforos, que provocam luzes mais ou menos circunscritas; os glotólogos, que falam idiomas desconhecidos; os premonitores, que profetizam; os escreventes intuitivos, que ouvem no seu cérebro uma voz que lhes dita o que escrevem;xxi os acústicos, que ouvem a voz dos Espíritos no ouvido.

Outros médiuns são músicos, enquanto fora do transe não conhecem uma nota; outros, incombustíveis, manejam, sem se queimar, carvões acesos. Outros, os médiuns de incorporação, assumem, de improviso, o aspecto, os modos, a voz, etc. de um ou de vários mortos, um depois do outro.

Eu próprio vi Randone de Roma assumir sucessivamente o aspecto, os modos e a voz de um idiota, de um orador de igreja e de um professor afetado de paralisia geral.

Outros são volantes, desfazem-se subitamente e se refazem a grande distância, tais os irmãos Pansino de Ruvo (estudados por Lapponi), que, em 10 segundos, desapareceram de Trani e se encontraram em Ruvo;xxii outros só apresentam levitações, tal o Zaccarini de Bolonha. Eusápia e Home, ao contrário, reuniam muitos destes característicos: materializações, escrita direta, levitações.

A maior parte é de médiuns de efeitos físicos, motores; a menor parte é de efeitos intelectuais. Notei também, na vida de Eusápia, que as suas primeiras manifestações eram motrizes, as últimas fantasmáticas; também nas atuais sessões, primeiro ocorrem fenômenos motores e os fantasmas

aparecem por último, quando chega o máximo de letargia.

Sobre o espaço a quatro e mais
dimensões em relação ao médium

Ocorrem certos fenômenos nas sessões mediúnicas que, segundo alguns autores, não se podem explicar com a energia própria do médium, mas com o supor que, mercê de ignota razão, em redor do médium se produza uma “atmosfera ultrafísica” na qual as leis comuns da gravidade, coesão, impenetrabilidade e inércia da matéria sejam suspensas, como se o nosso espaço assumisse quatro ou mais dimensões.xxiii

Esta hipótese, que foi pesquisada primeiramente por Zöllner, viria, acima de tudo, explicar os fenômenos de transportes, autolevitações, de autodesaparição e reaparição.

Pode-se ver a este propósito o que me escreve Brofferio:xxiv

“Para que um objeto possa penetrar, do exterior de uma habitação fechada, sem abrir as portas ou as janelas, é preciso fazê-lo passar através da madeira, ou do vidro ou dos tijolos; mas, para isto, é necessário que suceda uma destas três coisas: que passe através do vidro sem se desfazer, nem quebrar, isto é, que seus átomos passem pelos intervalos interatômicos dos vidros, ou seja, que o objeto se decomponha em matéria imponderável (operação que denominam, pouco felizmente, desmaterialização) antes de passar pelas paredes e recomposto depois,xxv ou seja, que, para aparecer ou desaparecer sem passar pelas paredes, seria necessário que ele entrasse em uma quarta dimensão do espaço e depois tornasse a sair. Para seres que vivessem em um espaço de apenas duas dimensões (tais as figuras fotográficas que parecem mover-se, mantendo-se sempre num plano, no eletro-taquiscópio), poderíamos fazer desaparecer uma flor que fosse pintada dentro de um círculo e depois fazê-la reaparecer fora desse círculo, porque podemos erguê-la no ar, fazê-la desaparecer numa terceira dimensão, na altura ou profundidade (que esses seres fotográficos não poderiam sequer imaginar).”

Assim se explicariam também os transportes de objetos, sem contato, frequentemente a grande distância, a escrita entre duas lousas, a passagem de dois anéis, um dentro do outro, ou de uma mesa para outra, a formação

de nós em tiras de couro ou em cordéis presos nas duas extremidades, etc., os fenômenos de incombustibilidade de muitos médiuns, entre eles Home, e também a possibilidade de fazer que permaneça no ar a água derramada de um copo.

Se se admitisse, neste novo espaço, uma reviravolta, um distúrbio das leis normais do tempo, conseguir-se-ia explicar de que modo os médiuns podem, por vezes, transformar-se em profetas, como foi constatado pela Sra. Piper, que predisse a diversas pessoas, perfeitamente sãs, sua futura enfermidade, e o nome de quem as curaria, etc. (veja-se o capítulo seguinte).

ⁱ Os experimentadores fizeram-na abandonar o seu modestíssimo emprego e colocaram-na à disposição deles. (Nota do tradutor.)

ⁱⁱ *Nel Mondo dei Misteri*, 1907.

ⁱⁱⁱ *Nelle Regioni Inesplorate della Biologia*, 1907.

^{iv} Vassallo – *Nel Mondo degli Invisibili*, 1902.

^v Eusápia naquele momento era contida pelas mãos de duas pessoas e tinha a estatura de pelo menos 10 centímetros mais alta do que a de minha mãe.

^{vi} Luraghi – *I Fenomeni Medianici*, 1907.

^{vii} Na magnífica obra *Psicologia e Spiritismo*, Turim, 1907.

^{viii} Os estudos experimentais foram conduzidos em colaboração com o Dr. E. Audenino.

^{ix} Arullani – *Sulla medianità di Eusápia Paladino*, etc., 1907.

^x Ob. cit.

^{xi} Ing. Grauss – *Annales des Sciences Psychiques*, 1907.

^{xii} *Bulletin de l'Institut Psychologique*, 1908.

^{xiii} Ob. cit.

^{xiv} Ob. cit.

^{xv} Flournoy – *Des Indes à la Planète Mars*, Paris, 1901.

^{xvi} Sage – *M. Piper*, 1902.

^{xvii} *Relaz. della Società Dialet. di Londra*, 1869.

^{xviii} Aksakof – *Um caso de desmaterialização parcial do corpo de um médium*, 1902.

^{xix} Maxwell (*Les Phénomènes Psychiques*, 1905, Alcan) faz notar justamente que também na antiga magia era atribuído ao canto especial influência, de onde os *encantamentos*, o *encantar*, etc.; e os faquires entoam o seu *mentrama* antes de fazerem seus milagres. A 2ª Égloga de Teócrito e a VIII de Virgílio aludem a cantos mágicos. Eusápia preferia o sopro ao canto.

^{xx} Uma aplicação curiosa da adivinhação é o descobrir delinquentes e perdas, que está em uso em alguns povos bárbaros e selvagens, como veremos no capítulo seguinte.

^{xxi} De nenhum outro modo, senão meros casos de *mediunidade escrevente*, se devem considerar as *revelações* que muitos santos tiveram no sonho extático e também fora dele, que abundam na hagiografia. “Santa Teresa figura entre os melhores escritores inspirados. Ela mesmo apreende como, às vezes, o Espírito lhe ditava tão copiosamente que se lhe cansava a mão. Os meus confessores – acrescenta humildemente – maravilhavam-se e eu também mais, conhecendo a minha estupidez.” Famosíssima, todavia, foi Santa Brígida, cujos *Oito livros de revelações* circulam ainda nas mãos dos devotos. Apenas, enquanto o Espírito Santo inspirava esta santa desvelasse o mistério da Imaculada Conceição de Maria Virgem, com grande júbilo dos escolásticos, a mesma Pessoa da S. S. Trindade revelava a Santa Catarina que Nossa Senhora havia concebido no pecado, como afirmavam os Tomistas. Tal qual os Espíritos modernos revelam a Allan Kardec a teoria da reencarnação, e a Jackson Davis o contrário. De resto, nas revelações dos santos cristãos a mesma nebulosidade, vaniloquência e verbosidade dos profetas hebreus e dos médiuns escreventes spiritistas, o mesmo abuso de alegorias, o mesmo gosto de não concluir, de não desencravar declarações explícitas e concretas. Leão Augusto, na *Via de S. João Crisóstomo*, João Damasceno (*De imaginibus, orat. I*) e outros autores eclesiásticos,

conservaram um caso de mediunidade escrevente. Certa noite, Proclo, antes de entrar no recinto onde estava trabalhando S. João Crisóstomo, olhou pelo orifício da fechadura e viu, com grande surpresa, um homem de venerável aspecto que ditava ao santo, enquanto este escrevia. Retirando-se, voltou na noite seguinte e reviu o mesmo espetáculo. Fez que outros olhassem, mas estes viam Crisóstomo inteiramente só. Compreendeu então que se tratava de um prodígio e interrogou respeitosamente o santo, e este lhe confessou que todas as noites o apóstolo dos Gentios vinha ditar-lhe os *Comentários às Epístolas de S. Paulo*. Proclo era pessoa bastante autorizada, tanto que sucedeu Crisóstomo na cadeira episcopal de Constantinopla.” – (Baudi de Vesme – *Stória dello Spiritismo*, Turim, 1897, vol. II, págs. 139 e seguintes.)

^{xxii} *Ipnatismo e Spiritismo*, 1906, pág. 110.

^{xxiii} Também se pode formular, a propósito, a hipótese de uma faculdade que os médiuns tivessem de desmaterializar e rematerializar a eles próprios e os objetos circunvizinhos com fulminante rapidez. Mas, isto não explicaria a levitação, e incombustibilidade, a profecia e, ainda que parecendo mais simples, seria igualmente difícil compreender-se tanto quanto o espaço na quarta dimensão.

^{xxiv} *Per lo Spiritismo*, pág. 195.

^{xxv} Zöllner, depois de haver preso em um nó as duas extremidades de comprido cordel e ao nó aposto um controle, o submeteu imprevisivelmente aos olhos de Slade, expressando o desejo de que se formassem nós; e tudo, de golpe, vi realizado, enquanto as mãos de Slade permaneciam a um centímetro do fecho-controle, que ficou intacto.

Em outra tentativa, Zöllner ligou dois grossos aros a uma cordinha, que amarrou e colocou suspensa à borda da mesa sobre a qual Slade descansava as mãos. Imprevisivelmente os aros se desprenderam do laço e foram achados aos pés de outra mesa que lhe estava vizinha.